

A RELAÇÃO DE OBJETO E AS ESTRUTURAS FREUDIANAS

Seminário de 03 de abril de 1957 - Articulações

Edna Maria Porto Mendes

Lacan inicia o Seminário de 3 de abril ressaltando que "trata-se de conservar a ênfase e a articulação freudiana à famosa e pretendida relação de objeto, (...) ou então não se veria verdadeiramente o porquê de toda obra freudiana (...) em particular essas duas dimensões, (...) o complexo de castração e a noção fundamental da mãe fólica."

Para abordar tais questões Lacan toma o caso de Hans como objeto de exame e inicia seu estudo sublinhando o quanto este, em dado momento de sua vida, é marcado por um certo tipo de relação com sua mãe que se define pela presença manifesta do objeto fórico entre eles. Neste ponto Lacan afirma o quanto o **objeto fórico** está incluído como **elemento absolutamente primeiro** na relação mãe-criança, afastando portanto qualquer possibilidade de uma relação dual como estrutura primitiva. "(...) tudo no pequeno Hans parte de alguma coisa que é esse jogo entre ele e sua mãe: ver, não ver, espiar, vigiar onde está o **falo**."

Para nos introduzir na dialética do olhar que perpassa esse jogo Lacan lança mão de uma referência ao fenômeno biológico do afrontamento visual existente entre certos animais cujo resultado é um certo apagamento de um dos parceiros que termina por afastar-se legando ao outro posição dominante.

Entre a mãe e a criança o que vai se passar está longe desse nível imaginário primitivo. Entre mãe e filho "trata-se não é tanto de ver, sofrer a influência do que é visto, quando muito exatamente procurar ver, espiar como se faz, aquilo que ao mesmo tempo está e não está ali, (...) o que é visado na relação de que se trata é alguma coisa que está ali na medida em que permanece velada".

É desse deslumbramento especular que jogam as relações de Hans com sua mãe. Hans está aí capturado como objeto imaginário, metonímia do desejo de falo da mãe.

É nesse contexto que por volta dos 4 anos e meio (algum tempo depois do nascimento de sua irmã Hanna), esse menino que desde cedo apresentara intensa curiosidade acerca de pipis e que dissera a sua mãe: " - Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual a um cavalo.", - faz uma fobia de cavalos.

O aparecimento dessa fobia inicia uma série de transições para Hans, as quais operam dando conta de fazer a passagem do pré-édipiano ao édipico - a castração - ou seja, introduzindo o pai.

Para percorrer o caminho dessas transições Lacan articula inicialmente a passagem para Hans do imaginário ao simbólico admiravelmente manifesta no sonho das duas girafas - dupla imagem da mãe.

Essa construção demarca o retorno de Hans desse jogo imaginário que começa a romper-se entre ele e sua mãe, "reduzida enfim a esse símbolo, a esse amassado de papel".

Mas isso não é suficiente. Se o fosse a fobia não seria necessária. Há em Hans um certo tipo de apelo à função paterna para a qual a fobia terá função de suplência, cuja tarefa é fazê-lo passar de "uma apreensão fálica da mãe a uma apreensão castrada das relações com o conjunto do casal parental".

Isto quer dizer que o cavalo representa o pai?

Lacan nos responde: "E já que estamos acostumados com esses termos e essas funções a dar maciçamente seus equivalentes - isto representa o pai, ou isto representa a mãe, ou isto representa o pênis - procurar perceber, por exemplo que esse trabalho, se tentarmos fazê-lo, nós mostrará que a cada momento, cada elemento, o cavalo por exemplo, só pode ser concebido na sua relação com um certo número de outros elementos igualmente significantes, mas que é impossível fazê-lo corresponder - eu digo o cavalo, mas também todos os outros elementos de mitos freudianos - a uma significação unívoca. O cavalo é inicialmente a mãe; no final o cavalo é o pai; entre os dois pode ter sido o pequeno Hans que o representa de tempos em tempos; ou é ainda o pênis do qual, em vários pontos da história e das explicações que dizem respeito à fobia, ele é manifestamente o representante."

Cabe sublinhar neste ponto o jogo do significante, aqui bastante evidente, em sua capacidade fundamental de permutação. É esse movimento de deslocamento do significante que permite a Hans operar as articulações necessárias.

É por essa via que Hans faz a sua travessia edípica, compondo sua constelação de mitos que lhe tornam possível lidar com a irrupção do pênis real entre ele e sua mãe. Isto proporciona a redução da angústia e a fobia torna-se desnecessária.

O que se passa com Hans "é algo de forma alguma comparável a esta integração ou reintegração pelo sujeito de sua história (...). Trata-se aí de uma atividade muito especial, esta atividade no limite do imaginário e do simbólico que é exatamente da mesma ordem do que se passa nos sonhos".